

Do barro à música: resistência e continuidade nas expressões do Alto do Moura

Marília Santos¹

Resumo

O Alto do Moura, maior centro de Arte Figurativa das Américas, é um bairro da cidade de Caruaru, conhecido principalmente pela produção da arte figurativa do barro. Além do artesanato do barro, há vários outros tipos de expressões, a maioria com música, que são realizadas pelos moradores do lugar – ou por outras pessoas que vão ali para fazer tais expressões acontecerem – dentre elas: Reisado, Bacamarte, poesia, pífano, entre outras. Um dos aspectos das expressões artísticas e culturais realizadas no Alto do Moura é a relação com a arte figurativa do barro e com as Festas Juninas. Este artigo, que tem como objetivo discutir como essas expressões estão se modificando para continuarem existindo, é um recorte de uma pesquisa qualitativa, com procedimentos metodológicos etnográficos e trabalho de campo, baseados em entrevistas semiestruturadas, observações e vivência pessoal. Parte dos dados foi obtida por meio do trabalho realizado para o “Inventário do Ofício dos Artesãos e Artesãs em Barro do Alto do Moura – Caruaru-PE”. É possível notar que, para se manterem vivas, as expressões do Alto do Moura transitam entre o novo (mudança) e o velho (tradição), arte figurativa do barro e Festas Juninas.

Palavras-chave

Música brasileira. Cultura popular. Patrimônio. Etnomusicologia. Educação.

¹ Doutoranda em Música na Universidade Federal da Paraíba, Brasil. E-mail: marilia_05030@hotmail.com.

From clay to music: resistance and continuity in the expressions of Alto do Moura

Marília Santos²

Abstract

Alto do Moura, the largest figurative art center in the Americas, is a neighborhood in the city of Caruaru, known mainly for the production of figurative clay art. In addition to clay crafts, there are several other types of expressions, most of them with music, that are performed by the locals – or by other people who go to the place to make such expressions happen –, among them: Reisado, Bacamarte, poesia, pífano and others. One of the aspects of the artistic and cultural expressions carried out in Alto do Moura is their relationship with clay figurative art and the Festas Juninas (*June festivals*). This article, which aims to discuss how these expressions are changing to continue existing, is an excerpt from a qualitative research, with ethnographic methodological procedures and fieldwork, based on semi-structured interviews, observations, and personal experience. Part of the data was obtained through the work carried out for the “Inventário do Ofício dos Artesãos e Artesãs do Barro do Alto do Moura – Caruaru-PE”. It is possible to notice that, to remain alive, the expressions of Alto do Moura transit between the new (change) and the old (tradition), the art of clay and Festas Juninas.

Keywords

Brazilian music. Popular culture. Heritage. Ethnomusicology. Education.

² PhD student in Music, Federal University of Paraíba, State of Paraíba, Brazil E-mail: marilia_05030@hotmail.com.

Introdução

O Alto do Moura é um bairro rural do município de Caruaru, que fica situado no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. Além da arte e do artesanato do barro, no Alto do Moura há uma infinidade de expressões culturais e artísticas realizadas pelas pessoas da comunidade ou por outras pessoas que vão ao lugar para fazer tais expressões acontecerem. Duas que se destacam são o pífano, e suas respectivas bandas de pífanos, e a mazurca. Isso acontece porque Mestre Vitalino (1909-1963),³ o artesão que deu grande destaque à arte figurativa realizada no Alto do Moura, também era pifeiro, e tocava pífano em algumas das exposições do barro dele. No caso da mazurca, esta se destaca por ser uma das principais expressões realizadas na localidade por um grupo de artesãos e artesãs do barro.

Há várias outras expressões que são realizadas no Alto do Moura, como o Bacamarte, o Reisado, a Paixão de Cristo, além do lugar ter compositores, violeiros, sanfoneiros, declamadores, poetas. A relação do lugar gira em torno da arte figurativa do barro e das Festas Juninas. Dessa forma, este artigo tem como objetivo discutir como as expressões do Alto do Moura estão se modificando para continuarem existindo. Este trabalho faz parte de uma pesquisa qualitativa, com procedimentos metodológicos etnográficos e trabalho de campo, baseados em entrevistas semiestruturadas, observações e vivências pessoais.⁴ Parte dos dados

³ Há outros artistas que também se destacaram no Alto do Moura, como Zé Caboclo (1921-1973) e Mestre Galdino (1929-1996). Este, inclusive, era primo de primeiro grau da minha avó paterna, sendo natural do Sítio Jacaré, na zona rural do município de São Caitano, que faz fronteira com Caruaru. Nunca tive contato com a família do Mestre Galdino, nem com ele.

⁴ Nasci na cidade de Caruaru, morei durante meu primeiro ano de vida no Sítio Taquara, município de Caruaru, próximo ao Alto do Moura. Depois, fui para a cidade de São Caitano, que faz divisa com Caruaru. Como minha família também é composta por agricultores, vivi e vivo muitos costumes que estão relacionados a esse tipo de vida rural, inclusive, durante a comemoração das Festas Juninas. Por esse motivo, tenho como compreender bem muitos costumes rurais dos habitantes do Alto do Moura. Praticamente cresci na zona rural, pois meus avós maternos e paternos viviam no campo, na Serra do Retiro, literalmente no meio do mato. Sem luz elétrica, sem reservatórios de água além dos barreiros. Eu brincava com as bonecas de milho. Gostava mais das de cabelos rosa, grandes e cacheados. Até hoje sinto o cheiro do milho verde no milharal. Quando estava lá, na Serra, gostava de me levantar bem cedo para não desperdiçar a vida dormindo, e ficar em meio à neblina. Por ser uma serra, nos períodos mais frios, tudo sempre ficava coberto de branco. Enevoadado. Eu gostava de soprar o ar e ver a *nuvem* saindo da minha boca. Subia em pé de manga (que já morreu), fazia casinha de argila, me balançava no pé de tambor (que também já morreu), subia a manga (uma pequena montanha do lado da casa dos meus avós maternos), a cavalo, muitas vezes sem sela, com uma tia e um tio que tinham praticamente a mesma idade que a minha, para buscar o gado. Muitas vezes, descia correndo pela manga, por um corredor estreito, com chão por vezes escorrendo água da chuva, e ladrilhado de pedrinhas desiguais, que faziam os pés rolar. O corredor da manga era encoberto por mato, árvores grandes e pequenas. Corria olhando para frente, para cima, vendo o céu azul... E de olhos fechados. Para não cair. Quebrava coco catolé, com uma pedra, em cima de um dos cochos das vacas. Dormia na rede, tomava banho de chuva... Corria atrás dos pintinhos... e as galinhas me beliscavam. Entrava dentro do cocho de mandioca, da casa de farinha, enquanto os adultos preparavam a mandioca para fazer farinha. E fingia que a goma e a massa, a mandioca triturada era neve. Eu vivia com a cabeça cheia de flores. Foi nesse lugar que me vi rodeada de vagalumes em algumas noites. Foi onde fui imensamente feliz! Ainda sinto todos os cheiros...

foi obtida por meio do trabalho realizado para o “Inventário do Ofício dos Artesãos e Artesãs do Barro do Alto do Moura – Caruaru-PE”.⁵

Antes de apresentar algumas das principais expressões presentes no Alto do Moura, em sua maioria musicais ou com algum tipo de relação com a música, contextualizarei a arte figurativa do barro no Alto do Moura, e as Festas Juninas.

O contexto rural, o barro e as Festas Juninas

Na primeira metade do século XX, muitas famílias do interior de Pernambuco sobreviviam a partir da agricultura familiar ou de subsistência. No Alto do Moura e nas regiões próximas, muitas famílias também faziam utensílios de barro e os vendiam na feira. O território no qual está situado o Alto do Moura era habitado por indígenas Kariris, que produziam cerâmica rústica de argila (GASPAR, 2019a). O município de Caruaru-PE, no qual está situado o Alto do Moura, assim como outros que fazem fronteira ou estão próximos a ele, apresenta muitos costumes rurais.

Com o destaque de Mestre Vitalino, a partir da primeira metade do século XX, houve um aumento na produção de arte figurativa do barro no local, e um incentivo para que outras pessoas passassem a trabalhar com a arte e o artesanato do barro no Alto do Moura. Com o passar das décadas, o lugar tornou-se o Maior Centro de Arte Figurativa das Américas, como é reconhecido atualmente pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

A identidade do Alto do Moura, além de estar relacionada ao barro, também tem incorporado as Festas Juninas, por conta de Caruaru ser um lugar que investe na grande produção delas. Para ter destaque e uma identidade própria, são buscadas características singulares nos lugares, nesse caso, a arte figurativa do barro e a cultura rural. As matrizes das Festas Juninas são rurais. Essa mescla de expressões culturais na região foi criando uma identidade local, influenciada, inclusive, pelos interesses dos órgãos políticos. Não se tratando de uma via de mão única, muitas pessoas do lugar também passaram a tratar essas particularidades como pertencentes a elas e às expressões, afirmando isso nos discursos delas.

As Festas Juninas ou simplesmente São João são festas que acontecem no mês de junho, para comemorar os dias dos santos católicos Santo Antônio, São João e São Pedro. Segundo

⁵ O inventário não foi finalizado. Finalizei minha parte de pesquisa etnomusicológica e entreguei para a coordenação do inventário. Não ficou claro, para mim, por quais motivos o inventário não foi finalizado. Depois de um tempo, o coordenador do inventário parou de responder as mensagens que eu enviava.

Sandroni *et al.* (2016, p. 279), até hoje, a religião católica tem uma forte influência no Brasil; por isso, muitos feriados e festas do país têm como base as comemorações católicas, como o Natal, a Páscoa, o Carnaval e as Festas Juninas. Nestas, o dia 24 de junho, dia de São João Batista, por exemplo, é feriado na região Nordeste do Brasil.

Em uma busca rápida na internet, podemos encontrar algumas indicações da origem das Festas Juninas antes de a religião católica incorporá-las às suas celebrações. Tratava-se de uma festa pagã, com o objetivo de celebrar o Solstício de Verão, no Hemisfério Norte (SILVA, 2023). Isso coincide com o Solstício de Inverno, no Hemisfério Sul, onde fica o Brasil. Nessas celebrações pagãs eram feitas fogueiras. Nas Festas Juninas, no Brasil, a fogueira é um dos principais símbolos (LISTOLOGIA, 2023). Os europeus colonizadores também trouxeram indumentárias para cá, como as bandeiras e os balões, que estavam, na Europa, relacionadas a rituais cristãos (PREVIDELLI, 2023). Devemos considerar as viagens dos colonizadores portugueses para o Oriente, que podem ter influenciado nas indumentárias das Festas Juninas. Nesse período de festividades juninas, as pessoas costumam soltar fogos de artifício, dos mais diversos, e enfeitar as ruas e as casas com bandeirinhas e balões coloridos (Figura 1).

Figura 1 – Balões juninos pendurados em uma árvore no Alto do Moura durante o mês de junho



Fonte: Arquivo da autora (2018).

Segundo Amaral, as festas católicas foram, no Brasil, utilizadas pelo Estado português como um meio de fazer o europeu suportar as dificuldades dos povos nativos (tratados pelos colonizadores como selvagens), dificuldades com o clima, a natureza e os animais desconhecidos. Quando o domínio da Igreja Católica imperava, as festas e as procissões eram

frequentes e abundantes. Dessa forma, a construção social do Brasil foi marcada pelas festas e tradições religiosas do catolicismo (AMARAL, 2003, p. 188-189).

Em alguns lugares, as Festas Juninas se estendem até julho, encerrando-se no primeiro domingo após o dia de Santa Ana, no dia 26 de julho (SANDRONI *et al.*, 2016, p. 279). As comemorações, além de terem uma finalidade religiosa, estão relacionadas à agricultura familiar. No dia 19 de março, dia de São José, conhecido como o santo protetor dos trabalhadores e, conseqüentemente, o santo dos agricultores, estes rezam para pedir chuva e boas colheitas. Algumas pessoas mais velhas, acostumadas com os ciclos das estações, como meus avós, costumavam dizer que, quando chove no dia de São José, o ano será bom. Ano bom nos interiores nordestinos é ano que chove bastante, para garantir o crescimento do que foi plantado. Nesse período, os agricultores começam a plantar milho e feijão para colher no mês de junho e comemorar durante as Festas Juninas. A comemoração de São José coincide com o período do Equinócio de Outono no Hemisfério Sul, normalmente dia 20 ou 21 de março.

Na primeira metade do século XX, as Festas Juninas em Caruaru foram marcadas pela sua presença em comunidades rurais. Nesse período, a mazurca, pelo menos no Alto do Moura e nas regiões próximas, era responsável pela animação dos festejos, música, dança e participação popular. As festividades, que se realizam até hoje, principalmente na véspera dos Santos Juninos – Santo Antônio, dia 13, comemoração dia 12; São João, dia 24, comemoração dia 23; e São Pedro, dia 29, comemoração dia 28 – aconteciam com mazurcas. Com o surgimento de outros gêneros musicais, novas maneiras de fazer, reproduzir e ouvir música, as festas foram mudando (SANTOS, 2021). Tendo em vista a grande proporção que os eventos ganharam, as Festas Juninas foram se concentrando em grandes palcos centralizados.⁶

Segundo Nóbrega, as Festas Juninas, celebradas em homenagem a São João, principalmente, representam a mudança das estações climáticas (final do outono e início do

⁶ As fogueiras são feitas para os santos na véspera dos respectivos dias destinados a eles. Inclusive, a de São José é feita no dia 18 de março. Entretanto, vale ressaltar que a igreja católica comemora, com missa e às vezes procissões, o dia do santo no dia dele. O intervalo de tempo de junho até dezembro é de seis meses, período que, segundo a Bíblia, livro utilizado pelos cristãos, é a diferença de nascimento entre João Batista e Jesus, que nasceu depois. O cristianismo buscou nas manifestações pagãs uma maneira de *batizá-las*, impondo suas crenças, que são vivenciadas até hoje em muitas sociedades como a brasileira. A história da fogueira, segundo os cristãos, foi a promessa de Isabel a Maria. Isabel era mãe de João e prima de Maria, mãe de Jesus. Aquela disse que quando João nascesse, acenderia uma fogueira para que a prima soubesse do nascimento do filho dela. Mas os costumes pagãos com fogueiras nesse período são muito mais antigos do que as histórias do cristianismo. Há alguns indícios, mas não tive acesso a fontes seguras de que, antes dessas histórias das festas relacionadas às histórias bíblicas, os cristãos simplesmente passaram a comemorar os eventos astronômicos, assim como faziam os povos pagãos. No entanto, nessas comemorações, os pagãos faziam honrarias aos seus deuses. A criação de diversos santos não seria, então, uma maneira de o cristianismo compensar o paganismo, já que os cristãos inventaram um único deus? Não tenho informações, nem acadêmicas, nem da pesquisa etnográfica e de campo, nem da minha vivência, por qual motivo as fogueiras e as festividades são feitas na véspera e não no dia do santo.

inverno), bem como a fartura resultante da colheita, principalmente de milho e feijão. Nóbrega explica que a crença traz uma representação de “purificação e regeneração da vegetação e das estações. Em sua gênese mística, São João é simbolizado como o santo do amor e do erotismo, além de festeiro e bastante conhecedor de seus aspectos lúdicos” (NÓBREGA, 2010, p. 24 *apud* SANDRONI *et al.*, 2016, p. 283).

Ao longo da minha vida experimentando essas tradições, e praticando a religião católica durante a minha infância e parte da adolescência, nunca ouvi falar da relação entre São João, erotismo e amor. As pessoas entrevistadas não fizeram nenhum tipo de comentário que me levasse a essa hipótese. O santo relacionado ao amor, nos costumes vividos nessa região, é Santo Antônio. Na véspera do dia 12 de junho, quando são realizadas as festividades em celebração a ele, é comemorado, no Brasil, o Dia dos Namorados. Neste dia, algumas mulheres fazem *simpatias*, com o propósito de arranjar um casamento.⁷ Para isso, colocam imagens do Santo Antônio dentro da geladeira, retiram o bebê de sua imagem/braços, penduram a imagem do santo de cabeça para baixo, entre outras *travessuras*, prometendo deixá-lo *em paz* apenas quando conseguirem conquistar um namorado/marido. Também fazem simpatias para descobrir a primeira letra do nome do seu amor, colocando uma faca virgem (que nunca foi usada) no caule de uma bananeira, e retirando-a no dia seguinte, dia do santo. A noda (seiva) da bananeira vai desenhar a primeira letra do nome do futuro companheiro. Outra forma de descobrir a primeira letra do nome *do amor* é pingar velas em uma tigela de água e esperar as gotas frias formarem a letra. Ou, ainda, jogar as letras do alfabeto, escritas em pedaços de papel, nas fogueiras, sem olhar quais estão sendo jogadas. A última a ficar é a letra do amor que chegará. Para descobrir o primeiro nome completo, segundo as crenças, basta acordar bem cedo no dia de Santo Antônio (13 de junho), não falar com ninguém, encher a boca de água, pegar um pouco das cinzas da fogueira dele, e ficar atrás da porta da sala até ouvir o primeiro nome.

O dia 12 de junho também é um dia especial para os casais celebrarem o amor que sentem. Aos poucos, está se tornando, com incentivo da indústria comercial, o Dia do Amor, semelhante ao *Valentine's Day*, no qual casais e pessoas que possuem outros tipos de relação demonstram amor para quem amam. Talvez, considerando a colocação de Nóbrega, houvesse alguma relação de erotismo com São João. Ao retirá-la, os católicos a adaptaram a outro Santo, o Antônio, retirando o erotismo, de alguma forma, como é de se esperar do cristianismo e do catolicismo.

⁷ Não tenho a pretensão de discutir a influência da sociedade machista em torno desse comportamento.

As cenas da vida rural, que aparecem na identidade junina, foram bastante cantadas por grupos como o Trio Nordestino e artistas como Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Anastácia, entre outros, e posteriormente por bandas que ganharam destaque na década de 1990 no Brasil, que hoje têm músicas chamadas “Forró das Antigas”, Mastruz com Leite, Magníficos, Caviar com Rapadura, Limão com Mel. Ainda na década de 1990, ocorreu uma importante mudança no cenário da indústria fonográfica do forró e das Festas Juninas de Caruaru, conforme aponta Silva (2017). O forró é o gênero musical mais apreciado atualmente, e já há algumas décadas está relacionado às Festas Juninas. Isso é motivo de *conflitos* em relação aos artistas contratados para os megaeventos, pois nem todos são cantores e cantoras de forró.

A segunda metade do século XX marca a construção de uma identidade em torno das Festas Juninas em diversos lugares do Brasil, especialmente nas cidades de Campina Grande, no estado da Paraíba, e de Caruaru, no estado de Pernambuco (SANDRONI *et al.*, 2016, p. 296-300). Isso tem uma relação intrínseca com uma parte da indústria fonográfica e com acontecimentos sociais, políticos e econômicos. A partir da década de 1920, por exemplo, o Nordeste do Brasil começou a se constituir como região, do ponto de vista geográfico, político e epistemológico, como aponta Albuquerque Jr. (2011). A música nordestina, assim como a indústria, teve grande influência nessa construção. Luiz Gonzaga, o Rei do Baião, da cidade de Exu, município localizado no interior de Pernambuco, começou a ter projeção com suas músicas cantadas. Desde então, o rádio desempenhou um papel importante, divulgando para as massas as canções que eram consideradas nacionais. Mas a música de Luiz Gonzaga logo foi categorizada como regional (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 172-173). Essa influência de uma regionalidade na música, assim como do baião e dos outros ritmos que constituem as matrizes musicais do forró, vão alicerçar, a partir da segunda metade do século XX, em certa medida, as Festas Juninas e a criação desse imaginário em torno delas, com muitos aspectos rurais.

Além das frequentes visitas de Luiz Gonzaga a Caruaru, o que influenciou bastante a relação da cidade com uma cultura musical que está relacionada ao forró, a segunda metade do século passado está marcada pelo surgimento das Festas Juninas como um megaevento (SILVA, 2017, p. 71). Então, os elementos rurais foram se misturando aos urbanos, transformando as Festas Juninas em algo maior e mais comercial.

Em Caruaru, o rádio foi importante para a ampliação das Festas Juninas no contexto urbano. No período de junho, as rádios iam a diversos bairros da cidade para transmitir o que acontecia em uma época em que a festa ainda não estava centralizada em um único espaço da cidade. Esse movimento das rádios locais ficou conhecido como “Caravanas do Forró”

(SILVA, 2017, p. 71-72). No mesmo período, começaram a ocorrer transformações nas apresentações de bandas de pífano na região. Até a primeira metade do século XX, o pífano esteve presente nas culturas relacionadas às novenas na mesorregião do agreste pernambucano. A partir da segunda metade do mesmo século, passou a fazer cada vez mais parte das Festas Juninas (SANTOS, 2019). Ao mesmo tempo em que acontecia a criação urbana das Festas Juninas, Caruaru se destacava na produção da arte figurativa do barro no Alto do Moura. Assim, a relação do São João de Caruaru também se formava em torno do Alto do Moura, bairro rural, que se tornou, durante os dias dos finais de semana de junho, o centro dos megaeventos de Festas Juninas de Caruaru.

Embora atualmente a grande festa em Caruaru esteja centralizada no Pátio de Eventos Luiz Gonzaga, o Pátio do Forró, as comemorações ainda acontecem nos bairros, nas ruas e na zona rural. Muitas das Festas Juninas que acontecem nos bairros e nas zonas rurais estão relacionadas a uma produção de comidas gigantes, que dão nome à festa: “Maior Chocolate Quente”, “Maior Cozido de Milho na Manteiga de Garrafa”, “Maior Tareco e Mariola”, “Festa da Batata Doce”, “Maior Quentão”, “Maior Cuscuz do Mundo”, “Maior Caldinho”, “Bolo de Milho Gigante”, “Maior Dobradinha”, “Arraiá do Pão Doce”, “Maior Queijo de Coalho Assado do Mundo”, “Maior Pé de Moleque”, “Festa da Polenta”, “Maior Bolo de Rolo”, “Maior Tapioca”, “Maior Assado de Milho”, “Festa da Macaxeira”, “Maior Pipoca”, “Maior Arrumadinho de Charque”, “Maior Bolo de Tapioca”, “Maior Bolo de Saia”, “Maior Bolo Barra Branca”, “Mesa Junina”, “Maior Cuscuz Temperado”, “Maior Broa de Milho”, “Maior Bolo de Macaxeira”, “Festival do Milho”, “Salgadinho Gigante”, “Maior Quarenta”, “Festa do Munguzá”⁸, “Mata Fome Gigante”, “Pela Jegue”, “Maior Cozido de Milho”, “Festa da Paçoca”, “Maior Bolo de Trigo do Mundo”, “Maior Pamonha do Mundo”, “Maior Caldinho de Feijão Preto”, “Maior Munguzá do Sertão”, “Maior Canjica”, “Xerém com Galinha”. Os alimentos são distribuídos durante as festividades (G1 CARUARU E REGIÃO, 2019).

O maior cuscuz do mundo é a comida gigante mais antiga das Festas Juninas de Caruaru (NE10, 2019). Ele é distribuído depois da Caminhada do Cuscuz, que é uma caminhada com muito forró e outros tipos de música, que acontece da cidade de Caruaru até o Alto do Moura (7 km, aproximadamente), onde fica o cuscuz, que é distribuído para os foliões. Após 25 anos consecutivos, em 2020 não houve Caminhada do Forró, devido à pandemia causada

⁸ Às vezes, a palavra aparece dessa forma, como está escrita; outras vezes, com um “n” a mais, dessa forma: mungunzá. Nesse caso, optei por manter a escrita da fonte citada.

pela Covid-19. Mesmo assim, o cuscuz foi feito e distribuído aos moradores do Alto do Moura (G1 CARUARU E REGIÃO, 2020).

Fica evidente, portanto, a relação identitária criada entre a arte figurativa do barro realizada no Alto do Moura, as Festas Juninas, com muitas características rurais de Caruaru, e os vários elementos da vida do campo, encontrados em todo esse conjunto, que busca criar uma singularidade própria. Isso se materializa em várias expressões realizadas no Alto do Moura, como discutido a seguir.

As expressões no Alto do Moura⁹

Reisado

Os integrantes do Reisado realizado no Alto do Moura são artesãos e artesãs, principalmente. Eles também compõem outras brincadeiras que acontecem na localidade. Embora seja uma característica das expressões do Alto do Moura ter uma predominância de pessoas mais velhas, há, de acordo com alguns integrantes, uma quantidade considerável de pessoas jovens no Reisado do Alto do Moura (CICERO ARTESÃO, 2018; DONA HILDA, 2018).

O Reisado é um folguedo brasileiro relacionado ao Natal cristão. Em sua origem mais antiga, como a maioria das celebrações cristãs, tem alguma prática ligada aos povos pagãos. Segundo Câmara Cascudo, o Reisado “é o nome erudito dos grupos que cantam e dançam na véspera e no Dia de Reis” (CASCUDO *apud* GASPAR, 2020). Gaspar destaca que a festa chegou ao Brasil por meio dos portugueses no período da colonização. Atualmente, está fortemente presente nas regiões Norte e Nordeste do Brasil. Dependendo dos locais, a expressão tem nomes diferentes, sendo chamada de Bumba-meu-boi, Boi de Reis, Boi-Bumbá e Folias de Reis (GASPAR, 2020). Segundo Seu Dão, a primeira vez que o Reisado apareceu no Alto do Moura foi por volta de 1938-1940. Tanto Seu Dão quanto Cícero Artesão¹⁰ explicam que em algum momento o Reisado deixou de ser praticado, até que ressurgiu em 2006, com o incentivo do Padre Everaldo Fernandes, continuando em atividade¹¹ (CICERO ARTESÃO, 2018; SEU DÃO, 2018).

⁹ Há duas expressões musicais bastante presentes no Alto do Moura: o pífano e a mazurca. Por elas serem frequentemente mais evidenciadas em relação às outras, e por eu já ter escrito alguns artigos sobre elas, neste texto não irei abordá-las.

¹⁰ Cícero José da Silva (1957-) é um artesão que nasceu no Alto do Moura e sempre viveu nesse lugar. Está envolvido com várias expressões que acontecem na localidade, inclusive com o Reisado.

¹¹ Informação de 2019. Não sei como ficou após a pandemia causada pela Covid-19.

Seu Dão, João Ezequiel da Silva (1930 -), nasceu no Alto do Moura, pelas mãos de uma parteira chamada Fortunata, como ele gosta de dizer. Sempre viveu no bairro. Trabalhou com a arte figurativa do barro a vida toda, ao lado do Mestre Vitalino durante mais de vinte anos. Começou a participar do Reisado no Alto do Moura quando este chegou à região, por volta do final da década de 1930, início da década de 1940, como ele afirma. Atualmente, Seu Dão é a pessoa viva que tem mais informações, na memória, acerca do Reisado no Alto do Moura, afirmam os entrevistados. Foi ele quem ensinou todas as canções do Reisado para Cícero Artesão, coordenador da brincadeira, na época da pesquisa (CICERO ARTESÃO, 2018; DONA HILDA, 2018; SEU DÃO, 2018).

O Reisado é uma expressão que envolve música tocada e cantada. Há uma encenação, sendo o Boi o personagem principal. Os personagens “são tipos humanos, animais e seres humanizados fantásticos” (GASPAR, 2020). O Reisado do Alto do Moura tem um violonista e uma pessoa que toca um reco-reco. Além do Boi, os personagens do Reisado do Alto do Moura são: Tangi, Galantes, Damas, Burrinha, Cavalo-Marinho, Mulher da Galinha ou Mulher do Passo (Pássaro) (Figura 2), Veia (Velha) da Sombrinha, Onça, Caboco (Caboclo) do Arco, Índio, Jaraguá, Girafa, Doutor, Tobias, Mateus, Catirina, Soldado, Matuto, Perna de Pau, Chorão, Cão, Alma e Anjo (CICERO ARTESÃO, 2018). Os integrantes utilizam máscaras para a apresentação do Reisado (Figura 2).

Figura 2 – À esquerda, Dona Hilda, com a roupa do Reisado, e o “Passo”, pois ela costuma ser a Mulher do Passo. À direita, a autora, com o Passo. Casa de Dona Hilda. Alto do Moura



Fonte: Arquivo da autora (2018).

No Alto do Moura, o Reisado acontece geralmente no mês de janeiro, devido ao Dia de Reis, que é 6 de janeiro. Porém, é comum que haja apresentações durante o Ciclo Junino e, por isso, é notável algumas características que podem ser comparadas às características juninas, como as vestimentas, por exemplo. É comum encontrar peças de barro do Reisado do Alto do Moura fabricadas pelos próprios integrantes do folguedo, que são artesãos e artesãs (Figura 3). Ao se apresentarem, alguns participantes destacam que a prática é parte da produção do artesanato em barro, pois são eles que organizam e praticam essa expressão.

Figura 3 – Reisado de barro feito por Cícero Artesão. Oficina de Cícero Artesão. Alto do Moura



Fonte: Arquivo da autora (2018).

Bacamarte

Outra prática presente no Alto do Moura, mas não necessariamente realizada por artesãos do barro, é o Bacamarte. Também conhecido como Bacamarteiros, é uma brincadeira na qual as pessoas carregam uma arma de fogo: o bacamarte. Durante as Festas Juninas, principalmente, os integrantes desfilam ao som realizado pelos músicos que os acompanham, geralmente um trio pé de serra. O ponto culminante é quando homenageiam os santos, juninos e outros, disparando tiros de pólvora seca no chão (GASPAR, 2019b).

Segundo Lima (2013, p. 13), existem várias versões a respeito da origem dessa prática. A principal delas é que o Bacamarte surgiu a partir da Guerra do Paraguai (1965). Essa versão também é contada por Seu Maurício, Maurício Clementino dos Santos (1953-), capitão do Batalhão 27, um dos Bacamartes do agreste de Pernambuco (LIMA, 2013, p. 13). Há autores

que afirmam que a origem dos Bacamarteiros em Pernambuco está relacionada à intenção única de saudar os santos juninos e tem relação com a invasão holandesa no estado, durante o século XVII. Já os folgazões, segundo Lima, acreditam que a origem da brincadeira está relacionada ao nascimento de São João Batista (LIMA, 2013, p. 13, SEU MAURÍCIO, 2018). Os Bacamarteiros se reúnem em grupos, chamados de batalhões. Somente maiores de 18 anos podem participar do grupo. Além disso, cada integrante, ou bacamarteiro, deve receber autorização do exército brasileiro para possuir e usar o bacamarte. O responsável pelo grupo, o capitão, deve obter autorização do exército brasileiro para que o batalhão se apresente. O Batalhão 27, que tem Seu Maurício como capitão, foi fundado pelo bisavô dele, que passou pelo avô, pelo pai, para o primo, e finalmente para ele. Seu Maurício cresceu vendo outras pessoas atirando. Ele conta que, mesmo sendo proibido pelos pais, quando estava sozinho em casa, com 13 anos já pegava o bacamarte escondido e atirava. Até pouco tempo, mulheres eram proibidas de participar de grupos de Bacamarte. Dessa forma, a mãe de Seu Maurício que, segundo ele, atirava muito bem, também pegava a arma do esposo às escondidas para atirar. Atualmente, as mulheres já são aceitas nos grupos. Mas a presença masculina ainda é predominante (SEU MAURÍCIO, 2018).

Especialmente durante as Festas Juninas, os grupos de Bacamarte se apresentam no Alto do Moura. É comum encontrar moradores afirmando que essa é uma prática cultural da identidade do lugar, mesmo que os participantes não sejam moradores do bairro. O Batalhão 27, por exemplo, é da cidade de Caruaru.

Os tiros dos bacamarteiros são em direção ao chão. Destaca-se quem atira melhor. Atirar bem no Bacamarte é gerar um som forte do tiro, com muito brilho, produzido pelo fogo (Figura 4). Antes e depois de atirar, o grupo segue em fila, normalmente acompanhado por um grupo musical. Segundo Seu Maurício, por conta da relação com as Festas Juninas, é comum que esse grupo seja um trio pé de serra, que tem em sua formação uma sanfona, uma zabumba e um triângulo. Entretanto, por questões financeiras, já que são os bacamarteiros quem pagam pelo grupo musical, visto que este normalmente não faz parte do Bacamarte, muitos grupos contratam músicos sem sanfoneiros, que são mais caros. A cor da roupa dos batalhões de Bacamarte é obrigatoriamente azul (Figura 4) (SEU MAURÍCIO, 2018).

Figura 4 – Fotografia da esquerda: a autora com alguns bacamarteiros após apresentação na Estação Ferroviária de Caruaru, lugar próximo ao Pátio do Forró, onde acontecem os principais festejos das Festas Juninas (megaevento) de Caruaru. À direita: momento em que um bacamarteiro desse mesmo grupo atirou



Fonte: Arquivo da autora (2018).

Figura 5 – A autora, na casa de Seu Maurício, com chapéu e armas do Batalhão 27



Fonte: Arquivo da autora (2018).

Poesia

Além da presença da música nas expressões, há uma poética muito forte em torno das palavras. Destacam-se no Alto do Moura os poetas, os declamadores, os tiradores de versos, os

repentistas, os violeiros, os cantadores, os glosadores, os compositores. Localizadas no Alto do Moura, essas práticas tendem a encontrar uma maneira de criar uma simbiose com a arte figurativa do barro. No dia que Severino Vitalino (1940-2019), filho de Mestre Vitalino, que cuidava da Casa-Museu Mestre Vitalino, morreu, Dona Regilda (1933-)¹² (Figura 6), moradora do lugar, escreveu o seguinte poema:

No dia 7 de janeiro
Quando o dia amanheceu
Quem se levantou primeiro
Sentiu que o chão tremeu
Pensando no grande artista
Todo mundo entristeceu
Depois chegou a notícia
O Mestre Severino morreu

Figura 6 – Dona Regilda, na véspera de São João, descascando milho para fazer pamonha e outras comidas, na residência dela



Fonte: Arquivo da autora (2018).

¹² “Regilda Pereira Simões da Silva, a Dona Regilda, é uma agricultora que vive no Alto do Moura e, até 2018, botava roçado (cultivando anualmente milho e feijão, principalmente, para comer). Foi criada pelos avós maternos, e proibida de estudar por ser mulher. Descreve-se como um ser humano rejeitado. Ela aprendeu a ler e a escrever observando, por meio das janelas, as aulas que as crianças tinham. Depois de observar, saía pelas estradas de terra, da zona rural em que morava, repetindo o que havia ouvido. Em casa, pegava folhas de papel, passava querosene, um tipo de combustível utilizado para colocar fogo no lampião (candeeiro) e em outras coisas, já que não havia eletricidade nessas regiões naquela época, e colocava a folha meio transparente em cima dos livros dos irmãos para aprender a escrever. De tanto sofrer na vida, encontrou na poesia uma forma de escapar um pouco da realidade, como ela mesma diz. No momento, um livro com as poesias dela está sendo organizado para ser publicado.

Dona Regilda não é natural do Alto do Moura, assim como Severino Vitalino também não era. Ela nasceu no Sítio Gongo, região rural do município de Quipapá. Morou em vários lugares diferentes. Em 1974, mudou-se de Arcoverde para o Alto do Moura. Ao residir no bairro, começou a fazer artesanato de barro. Ela escreve poesias em folhas de papel, normalmente soltas e as guarda em caixas de sapatos. Em uma das minhas visitas a ela, quando lhe perguntei o que era o amor, ela me deu uma das folhas, com uma poesia, e dois dos versos diziam: “amor não se implora, não se pede. Se espera... amor se vive ou não”.

Dona Regilda escreve sobre tudo. Diz que, por meio da poesia, é possível dizer coisas que não podem ser expressas com outros tipos de palavras (DONA REGILDA, 2018). Sobre a arte figurativa do barro ela tem o seguinte poema:

Na margem do Ipojuca
Na praça do artesão
Chegam aqui muitos turistas
Tinta e papel na mão
Tem o memorial de Galdino
E o bar de Jucelino
Faz a melhor refeição

Dona Regilda mora em frente à Praça do Artesão. Do outro lado da rua, fica o Museu do Mestre Galdino. Ao lado da casa dela, fica o bar do filho, Jucelino.

Um outro poeta do Alto do Moura que vivenciou práticas rurais é Ciço de Mariquinha. Ele possui poemas guardados somente na cabeça, como ele diz. Ciço também não é natural do Alto do Moura. Mudou-se do Sítio Riacho do Peixe, zona rural de Agrestina, para o Alto do Moura em 1972, após casar-se com uma artesã do lugar, o que o incentivou, até mesmo por questões econômicas, a tornar-se artesão¹³ (CIÇO DE MARIQUINHA, 2018).

Além de poesias relacionadas à arte figurativa do barro, ele escreve acerca da vida no campo, como:

O agricultor de verdade
Levanta de madrugada
Rala a espiga de milho
E um cabeça amarrada

¹³ Ciço de Mariquinha, Cícero João da Silva (1945-), tem contato com a agricultura desde criança. Aprendeu a fazer poesia desde muito cedo, por volta dos 7 anos, quando acompanhava o pai pelas feiras de Agrestina e Caruaru, principalmente. O pai dele plantava, com a família, inhame, e vendia para sobreviver. Nas feiras, havia os cordelistas, declamando e vendendo seus cordéis e folhetos. Ciço conta que eles recitavam apenas até a metade. Se alguém comprasse o cordel, eles recitavam até o final. Isso o inspirou a aprender a tirar os próprios versos.

Depois um café forte
E tira o leite da cabra.

A poesia às vezes vem do que ele vê quando está sentado na calçada da casa dele, como no dia que viu um bêbado com pão e sua cadela. Ele pensou:

Lá vem um bêbo descendo
Tombando para todo lado
Arrumando confusão
Uma sacola de pão na mão
E uma cachorra do lado
O bêbo já vai passando
Parece que vai cansado
A cachorra tá com fome
E os pão já tá amassado
Me responda quem quiser
Me diga quem chega em casa
Eu mesmo não sei mais não
A cachorra, o bêbo ou os pão?

É notável como a redondilha maior é predominante na poesia que as pessoas fazem no Alto do Moura. A forma com sete versos poéticos é bastante frequente na poesia da cultura popular no Nordeste do Brasil. Ela aparece nos mais variados tipos de expressões, mesmo com nomes diferentes.

Moacir Neguinho, Moacir Pereira de Souza (1950-), é um declamador e repentista que nasceu em Serra Talhada, sertão de Pernambuco. Aos 8 anos de idade, foi viver em Recife, e aos 16 anos, no Alto do Moura. Ao chegar no bairro de Caruaru, começou a desenvolver a habilidade de fazer poesia. Para ele não existe diferença na maneira de pensar os versos, seja com a viola de dez cordas (também chamada viola nordestina ou sertaneja), seja somente para *glosar* (MOACIR NEGUINHO, 2018). As inspirações aparecem no cotidiano das pessoas.

Moacir Neguinho explica que um dia estava com outros moradores, artesãos, inclusive, como ele, nas margens do Rio Ipojuca, que é o rio que corta o município e que garante a matéria-prima para os artesãos e artesãs do Alto do Moura. Nesse dia, Silvano, um dos moradores da localidade, disse o seguinte mote¹⁴: “As águas se barruando / E jogando basculho fora”. A partir disso, cada pessoa que estava no local criou o seu poema. O de Moacir foi o seguinte:

¹⁴ Mote é uma pequena estrofe, ou parte dela, que tem o tema do que deve ser *poetizado* e, nesse caso, deve ser repetido no final da criação de cada um.

Eu vi descendo a enchente
Sapatos que vêm do sertão
Parecendo um pelotão
Na cabeça da frente
Um dos sapatos mais valentes
Disse para sua senhora
Se agarra comigo e chora
Que nós vamos se mudando
As água se barruando
E jogando basculho fora.

Os temas que aparecem são os mais variados. Outro dia, com o tema animais, Moacir Neguinho criou:

O cachorro carrancudo
Na noite cor de carbono
Deitado lá no terreiro
Pode estar no maior sono
Se acorda pelo estalar
Dos dedos do [seu] dono.

Moacir explicou que, poucos anos atrás, acontecia um festival anual de repente no Alto do Moura, sempre com repentistas famosos, profissionais, convidados para se apresentar (MOACIR NEGUINHO, 2018). Além do repente, que é feito com a viola de dez cordas, e *poesia*, no Alto do Moura também há a embolada, na qual os emboladores ao embolar (“declamar”) utilizam um pandeiro para acompanhar musicalmente o que é realizado

Ariberto Rodrigues, o Bedo Eudócio, também é um tirador de versos bastante conhecido na comunidade alto-mourense. Como compositores, destacam-se Bernardo Luiz da Silva, o Lula Bernardino, também artesão, e José Marques da Silva, o Zé Miguel. Este chegou a conhecer Luiz Gonzaga, pois ele era amigo de um dos seus professores, o Zé Tatu. Nesse caso, era professor de sanfona, com o qual Zé Miguel tinha aulas.

Outras expressões culturais e artísticas

Há várias outras expressões que são realizadas no Alto do Moura. Dentre elas, a Paixão de Cristo, tanto inspirada pela Paixão que acontece anualmente no Teatro de Nova Jerusalém,¹⁵

¹⁵ Maior teatro ao ar livre do mundo e Patrimônio Cultural Material e Imaterial de Pernambuco, desde 2009.

em Fazenda Nova, no município de Brejo da Madre de Deus, quanto pela religião católica dos artesãos e das artesãs do bairro. Alguns dos participantes da Paixão de Cristo do Alto do Moura atuaram, nos últimos anos, como figurantes da Paixão de Cristo no Teatro de Nova Jerusalém. Ela, já há muitos anos, é realizada por atores profissionais e conhecidos na mídia nacional, que interpretam os personagens principais.

Os habitantes do Alto do Moura estão tão envolvidos com o fazer artístico, que chegaram a criar e gravar um curta-metragem: *A Saudade de Severina*, que tem Dona Hilda, uma artesã do Alto do Moura, como protagonista principal (DONA HILDA, 2018).¹⁶ Há, ainda, em sua fase inicial, um grupo de percussão com ritmo de maracatu nação surgindo na localidade.

Considerações finais

Atualmente, como aponta Sales ao falar de uma das expressões do Alto do Moura, as políticas culturais estão presentes no estado de Pernambuco de uma forma que buscam dar conta de alguns custos financeiros para garantir que as expressões continuem existindo. Aparentemente, o Estado tem interesse em preservar, de alguma maneira, a memória do povo (SALES, 2015, p. 38-39). Entretanto, as pessoas entrevistadas por mim, tanto para este artigo quanto para outros, afirmaram que praticamente não recebem ajuda financeira e outros suportes, e quando recebem, é muito pouco. Às vezes não dá nem mesmo para cobrir os gastos com as roupas, de maneira que, para garantir que essas expressões continuem existindo, os indivíduos custeiam muitas coisas. Algumas das expressões não recebem apoio algum. Outras nem estão envolvidas com alguma prática festiva; são práticas cotidianas das pessoas, como é o caso dos poetas, por exemplo.

Esse interesse dos órgãos públicos em preservar a memória coletiva influencia as práticas culturais de várias formas. No caso das expressões do Alto do Moura, existe um interesse do município em juntar as características da região para constituir uma identidade local singular. Por conta do megaevento das Festas Juninas, há também um interesse em relacionar essas expressões às festas de São João, como se tudo fizesse parte da mesma coisa e estivesse interligado. Dessa forma, os integrantes das expressões realizadas no Alto do Moura, a maioria deles artesãos e artesãs, assimilaram esse discurso e começaram a utilizá-lo para justificar a existência das expressões. Relacioná-las à arte figurativa do barro e às Festas Juninas

¹⁶ O curta *A Saudade de Severina* pode ser acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=LoeJFLjI-Sk>.

é um meio de validá-las, de garantir a importância da existência delas, visto que tanto a arte figurativa quanto as Festas Juninas possuem força comercial para continuar existindo. Além disso, é necessário manter um equilíbrio entre o velho (tradicional), como uma forma de preservar a memória cultural do povo, e o novo (mudança), para adaptar-se ao mundo atual.

Agradecimentos

Agradeço a Dona Regilda, Dona Hilda, Cícero Artesão, Ciço de Mariquinha, Moacir Neginho, Seu Dão, Seu Maurício e demais pessoas com quem conversei no Alto do Moura que, de alguma forma, contribuíram para essa pesquisa.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

AMARAL, R. Festas católicas brasileiras e os milagres do povo. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 187-205, 2003. DOI: 10.15448/1984-7289.2003.1.116. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/116>. Acesso em: 29 mar. 2023.

CICERO ARTESÃO. Entrevista concedida para a autora. Gravada em áudio. Alto do Moura, Caruaru, 8 jun. 2018.

CIÇO DE MARIQUINHA. Entrevista concedida para a autora. Gravada em áudio. Alto do Moura, Caruaru, 23 jun. 2018.

DONA HILDA. Entrevista concedida para a autora. Gravada em áudio. Alto do Moura, Caruaru, 28 jan. 2018.

DONA REGILDA. Entrevista concedida para a autora. Gravada em áudio. Alto do Moura, Caruaru, 23 jun. 2018.

G1 CARUARU E REGIÃO. Calendário da festa das Comidas Gigantes é divulgado em Caruaru. **G1 Caruaru e Região**, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/sao-joao/2019/noticia/2019/05/18/prefeitura-de-caruaru-divulga-calendario-das-comidas-gigantes-no-sao-joao-2019.ghtml>. Acesso em: 29 mar. 2023.

G1 CARUARU E REGIÃO. Tradicional cuscuz gigante é distribuído nas casas do Alto do Moura, em Caruaru. **G1 Caruaru e Região**, Caruaru, 15 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/sao-joao/2020/noticia/2020/06/15/tradicional-cuscuz-gigante-e-distribuido-nas-casas-do-alto-do-moura-em-caruaru.ghtml>. Acesso em: 23 mar. 2023.

GASPAR, L. **Alto do Moura, Caruaru, Pernambuco**. Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2019a. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar%20/index.php?option=com_content&view=article&id=815%3Aalto-do-moura-caruaru-pernambuco&catid=35%3Aletra-a&Itemid=1. Acesso em: 3 jun. 2023.

GASPAR, L. **Bacamarteiros**. Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2019b. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=481%3Abacamarteiros&catid=37%3Aletra-b&Itemid=1. Acesso em: 3 abr. 2023.

GASPAR, L. **Reisado**. Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2020. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=217&Itemid=1%3E. Acesso em: 12 jun. 2023.

LIMA, G. M. A. **Os bacamarteiros de Caruaru**. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10889>. Acesso em: 12 jul. 2023.

LISTOLOGIA. **Fogueira de São João: origem e tradição**. Disponível em: https://listologia.com/a-origem-da-fogueira-de-sao-joao/#Resumo_de_Fogueira_de_Sao_Joao_Origem_e_Tradicao. Acesso em: 12 jul. 2023.

MOACIR NEGUINHO. Entrevista concedida para a autora. Alto do Moura, Caruaru, 15 set. 2018.

NE10. Maior cuscuz do mundo é a comida gigante mais antiga do São João de Caruaru. **NE10 Interior**. Recife, 2019. Disponível em: <https://produtos.interior.ne10.uol.com.br/comidas-gigantes/2020/06/08/maior-cuscuz-do-mundo-e-a-comida-gigante-mais-antiga-do-sao-joao-de-caruaru/>. Acesso em: 23 maio 2020.

SANDRONI, C. *et al.* Músicos nas festas populares do Nordeste: transformações recentes no forró e nas festas de São João. *In: LÜHNING, A.; TUGNY, R. P. Etnomusicologia no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 277-309.

PREVIDELLI, F. **Bandeirinha, balão e fogueira: os significados por trás dos símbolos juninos**. **Aventuras na História**, São Paulo, 11 jun. 2023. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/bandeirinha-balao-e-fogueira-os-significados-por-tras-dos-simbolos-juninos.phtml>. Acesso em: 12 jul. 2023.

SALES, T. O. Sobre a mazurca que existe no agreste, pois há muitas mazurcas. *In: SALES, T. O. Sobre Mazurca*. Recife: Gráfica Flamar, 2015. p. 21-50.

SANTOS, M. Identidades entre som e barro: a zabumba Mestre Vitalino e o pífano no Alto do Moura. **Revista Música**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 64-85, 2019. DOI: 10.11606/rm.v19i2.164376. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistamusica/article/view/164376>. Acesso em: 12 jul. 2023.

SANTOS, M. “Somos do Alto do Moura, da terra do artesão”: diversidade e resistência na Mazurca Pé Quente - Caruaru/PE. **ICTUS Music Journal**, Salvador, v. 15, n. 1, p. 109-126, 2021. DOI: 10.9771/ictus.v15i1.44889. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/ictus/article/view/44889>. Acesso em: 11 jul. 2023.

SEU DÃÃO. Entrevista concedida para a autora. Gravada em áudio. Alto do Moura, Caruaru, 8 jun. 2018.

SEU MAURÍCIO. Entrevista concedida para a autora. Gravada em áudio. Caruaru, 9 jun. 2018.

SILVA, D. N. Origem da Festa Junina. **Brasil Escola**, 2023. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/detalhes-festa-junina/origem-festa-junina.htm>. Acesso em: 11 jul. 2023.

SILVA, P. M. S. **Ser forrozeiro em Caruaru: prática musical, mudança e continuidade na “Capital do Forró”**. 2017. Dissertação (Mestrado em Música) – Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/14709?locale=pt_BR. Acesso em: 11 jul. 2023.

Submetido em 1º de abril de 2023.

Aprovado em 10 de julho de 2023.